



COMENTÁRIOS SOBRE A DIREÇÃO DA CURA¹

Alejandro Luis Viviani²

Muito foi dito, durante esta semana, sobre a ética e a direção da cura, textos importantes na obra de Lacan; falar deles implica fazer uma síntese e uma releitura a partir de outros textos, posteriores aos anos 58-60, nos quais se incluíram novas articulações conceituais. Conceitos, todos eles, que tomam consistência desde a experiência clínica e que mantêm como ponto de partida a referência constante a essa experiência fundante que foi a experiência de Freud.

Lacan já disse, no começo da "Direção da cura" , que quem dirige a cura é o psicanalista e que esta direção não é uma direção de consciência ou um guia moral. Podemos partir do pedido de análise para poder explicitar um pouco mais o lugar que ocupa o analista e, seguindo as indicações de Lacan, abordar algumas questões sobre o processo da análise e a possibilidade de seu fim.

Quando alguém procura um analista, o faz porque já não suporta o sofrimento que o sintoma lhe produz e procura uma resposta à incógnita que o sintoma lhe traz. O fato de alguém se interrogar sobre o sintoma pressupõe que ele pode querer dizer algo mais. Sabemos que o sintoma é uma metáfora e uma resposta recalçada.

¹ Este texto foi originalmente publicado em: "14 conferências sobre Jacques Lacan". Fani Hisgail.org. São Paulo. Edit. Escuta, 1989.

² Cons: Rua Maranhão, 554. Conj. 42. Tel. 3666-9472. Fax: 3813-6735. E-mail alviviani@uol.com.br

Textura



A demanda de análise, então, está em íntima relação com a busca de um saber que responda a essa incógnita. Este saber é atribuído ao analista, e dele se espera o alívio desse sofrimento. Quando Lacan fala de sujeito suposto saber indica que, na demanda de análise, se supõe um saber ao analista, e é desse saber suposto que se espera receber as significações do sintoma e do sofrimento.

Freud define a transferência como o deslocamento da intensidade de uma representação fundamental a outra sem importância e que o analista é essa representação sem importância, que como suporte da transferência, está incluído numa das séries psíquicas do paciente.

Supor ao analista o saber já implica a transferência. Um lugar é atribuído ao analista, lugar simbólico, lugar da palavra, chamado lugar do Outro. A associação livre é possível porque o analista está nesse lugar. A aceitação da regra fundamental é o ponto de partida da direção da cura, e o poder está na palavra.

Ao analista se endereça a demanda, a demanda terá diferentes articulações no transcurso da análise e é este o caminho pelo qual se produzirá a regressão analítica, como retorno dos significantes da frustração do sujeito onde o desejo está fixado. A direção da cura orienta-se em relação à demanda. Se tomarmos como ponto de referência a neurose, teremos que o neurótico faz um uso enganoso da sua demanda, ele vai demandar para ser demandado. Isto significa que o neurótico vai pedir, vai procurar que um Outro imaginário lhe demande para poder supor um desejo e uma significação dessa demanda. Isto lhe permitiria responder como esse significante que lhe falta ao Outro, e se supor objeto desse desejo.

Textura



A neurose de um sujeito será substituída por uma neurose artificial, a neurose de transferência.

No seu esforço de virar a face à castração, o neurótico dá respostas significantes, pois sua constituição subjetiva é em relação à significação fálica. Se fizer uma retroação imaginária sobre o complexo de Édipo teremos que na mãe (dentro das vicissitudes do seu Edipo) operou um pai, como metáfora paterna, produzindo nela uma falta e conseqüentemente o desejo; falta produzida em relação e na relação com a sua mãe e apoiada na sua privação com relação à premissa fálica. Tínhamos dito que o Outro é o lugar de todos os significantes; todos menos um, aquele que se significaria a si mesmo.

Da mãe, chamada Outro primordial, o filho receberá o valor fálico e virá a ocupar esse lugar, que é um vazio, supondo-se objeto desse desejo. Para isso identifica seu corpo (menino ou menina) com esse significante que falta no Outro. Se a mãe tem falto porque o corpo do filho o é, a essa mãe, imaginariamente, não lhe falta nada. Há anulação da castração materna, alienação do ser do campo do Outro e um suposto gozo absoluto. A possibilidade de sair dessa posição está dada por estar o falto em outro lugar. E necessário o terceiro elemento, o pai, que, como Nome do Pai (em nome do Pai morto transmite a lei contra o incesto), faz tremer ao filho na sua subjetividade indicando-lhe que ele não é objeto desse desejo. O Nome do Pai será qualquer significante que indique a castração do Outro. O Nome do Pai, apoiando-se no desejo materno, produzirá, como castração simbólica, a separação do filho e o efeito de um sujeito sexuado e desejante. Esta separação tira o valor fálico do corpo do filho. Da mesma maneira que algo da mãe está perdido, algo do filho

Textura



também o está. Este é o ponto de interseção de duas carências. A castração produz a perda de um objeto, o objeto “a” causa do desejo, por meio de uma operação necessária que é a lei contra o incesto. Se o sujeito não é o que pensava ser, essa operação o deixa com as perguntas: quem sou?, o que é que desejo?, o que é que o Outro deseja de mim? O sintoma responde a isso com o que tem de sofrimento e de prazer. O sujeito faz do seu sintoma (ou das suas produções sintomáticas) uma suposta posição subjetiva. O sujeito não é o sintoma, mas ali está articulado. Sua neurose será a defesa que utilizara frente à angústia que lhe provoca a castração do Outro e uma maneira particular de apelar ao Nome do Pai para que defenda da suposta demanda do Outro.

Na posição sintomática, nesse virar a face ao complexo de castração, o que é recalcado é uma operação, a do Nome do Pai e o saber da impossibilidade de um gozo absoluto. Se isto é recalcado como saber, tratar-se-á de um saber inconsciente. O sofrimento do sintoma estará produzido pelo complexo de castração e do que deste não se quer saber.

O analista, ao ser posto no lugar de sujeito suposto saber, é um sujeito e um saber que lhe são supostos. O analista posto no lugar do Outro possibilita a associação livre; também possibilitará que esse discurso ordenado imaginariamente tome sua dimensão simbólica. O sujeito se confrontará com sua associação livre que tem uma liberdade relativa. Na medida em que seu discurso diz mais do que ele pensa que diz, a verdade esta em Outro lugar. Desde esse Outro lugar o sujeito é falado, é falado desde o Outro que o encarna imaginariamente no analista. Mas o Outro não

Textura



é um semelhante, é o lugar onde o sujeito é falado e a quem lhe fala, o inconsciente.

A transferência é transferência no discurso e suporta a repetição dos significantes privilegiados na história de um sujeito.

Havíamos lembrado que Freud dizia que o sintoma como solução de compromisso é sofrimento e prazer. O prazer surge como algo marginal no ser humano. O prazer está dado por algo marginal e articulado com o fantasma.

O fato de não ser paciente e ser analisante está em não esperar passivamente as suas respostas, senão em situar-se em relação a seu discurso na posição daquele de quem surge e produz esse saber como verdade. Esse saber é um saber sem sujeito. O sujeito, retroativamente, se apropriará desse saber, apropriação daquilo que o sujeito não sabia. A possibilidade es dada não pelo lugar que o analista é chamado a ocupar, como Outro, mas, fundamentalmente, pela posição do que Lacan chama "semblante de objeto a" . É essa posição que faz possível o aparecimento do lado do analisante, do sujeito desejante. .

E dessa posição de falta em ser que o analista tem come função preservar a falta e manter a maior distância possível entre o Ideal e o "a". A condução da análise será fora de qualquer posição subjetiva. A posição subjetiva estará do lado do analisante. No seu trabalho associativo, ao dizer mais do que pensa que diz, a seqüência das suas palavras será alternada pela cadeia significante que vem de Outro lugar, onde a partir de cada uma dessas alterações, escansões, hiências, essa cadeia se articula entre um significante, efeito inconsciente, e outro significante, que atua sobre o primeiro como saber; o que oscilará entre um e outro será o sujeito e algo mais, que

Textura

é o objeto “a”. Se o significante é o que representa o sujeito para outro significante, será necessário seguir esse movimento de emergência e deslocamento desses significantes para situar a repetição. Nesse sentido, a interpretação opera pela função do significante. A eficácia da interpretação está nesse movimento que vai da desconstrução do mito, onde cada um é Édipo, à construção da verdade. A interpretação pela via do significante opera simbolicamente, estabelece diferenças e produz um trabalho. É em relação à pulsação temporal, abertura e fechamento do inconsciente, que um ato desencadeia uma conclusão e, sendo esta verdadeira, o sujeito sai diferente.

E nessa ruptura da fala que se abre uma hiância como um espaço da mesma ordem que o corpo erógeno. O corpo está articulado ao significante como o está no sofrimento que o sintoma produz. No deciframento do sintoma como metáfora será necessário seguir suas sobredeterminações para ir construindo o fantasma. Se o sujeito sofre do seu sintoma, o prazer está dado pelo lugar de objeto que ocupa no fantasma, a partir da significação suposta ao desejo do Outro. A oferenda do sujeito na posição sintomática será determinada pelo lugar de objeto que ele se atribui no fantasma. O fantasma é uma cena, um enunciado singular construído a partir de uma lógica onde o desejo do sujeito encontrou uma única maneira de gozar. Fraturar a identificação do sujeito à suposta significação do desejo do Outro abre a dimensão da castração do Outro e questiona o objeto a.

A construção do fantasma e seu atravessamento implicam liberar o sujeito da oferenda que faz com o significante e com o seu corpo ao Outro e de ser essa a única maneira de gozar. Na cura, o sujeito encontrará seu desejo (como condição

Textura

desejante, desejo inominável) como aquilo que não tem como proposta esta maneira de gozar, ou seja, sacrificar-se para o desejo do Outro .

Nesse ponto, o fim da análise acontece em relação ao complexo de castração e a uma outra versão do pai, agente desse complexo e produtor, enquanto função, da perda do objeto; desse pai a quem o neurótico apela para que o preserve da realização do seu fantasma.

O objeto “a”, dizíamos, tem duas versões: o objeto da gozo proibido, que causa o desejo, e o que ele possibilita, o objeto da pulsão.

O sujeito, no atravessamento do seu fantasma fundamental, se confrontará com que, como objeto para o desejo do Outro, é nada. No campo pulsional, a pulsão, para sua satisfação, fará um circuito ao redor do vazio que o objeto deixa. O acesso ao objeto será por via do significante; neste sentido também será necessário percorrer, na constelação de objetos escolhidos, esse significante comum, que na sua repetição, permitirá ir construindo o fantasma. Neste significante comum o “a” está articulado, situando o significante fálico como significante da falta e o complexo de castração como o articulador do objeto perdido, o objeto da pulsão e a escolha de objeto. No fantasma o “a” será cercado via significante até o limite que ele como coisa impõe. Ponto de impossibilidade.

Toda análise estará produzindo um saber na experiência, não um conhecimento, que se encontrará com o seu limite, o objeto; limite em relação ao desejo e à pulsão. Como dizíamos, o fim da análise possibilitará o reencontro com a condição desejante, que além das imaginarizações do objeto, tocará, na experiência do seu fantasma fundamental, esse objeto que no Real, para o desejo do Outro, é nada,

Textura

para o seu desejo é a carência constitutiva e na definição do seu ser não é mais que um resto, o objeto perdido. Esse saber e seu ponto limite permitirá outro tipo de relação do sujeito com o seu sintoma. Mas, se na análise se produz esse saber como verdade, e desse saber o sujeito se apropria retroativamente, nesse limite, essa verdade não toda poderá ser dita. O alívio do sofrimento estará em relação com essa verdade. Neste ponto, o suposto do saber não estará mais no Outro que o analista encarna.

Uma análise poderá ser interrompida a partir dos efeitos terapêuticos do deciframento do sintoma, o fim da análise está dado por esse ato da construção, pelo atravessamento do fantasma fundamental e pelo encontro desse saber e pelo seu limite. O momento de término da análise será o momento de retroação que permite situar o fim. Término este que não é uma teleologia, uma imposição do super-eu e menos uma realização narcísica, é a possibilidade criada pela psicanálise e até onde o analista está disposto a escutar.

São Paulo, 1989.

BIBLIOGRAFIA

CALLIGARIS, C. Hipótesis sobre el fantasma, Letra Viva, 1985.

FREUD, S . "Análisis terminable e interminable"; "Construcciones en el psicoanálisis"; "Fantasias histéricas y su relación con la bisexualidad"; "Pegan a un niño"; "La organización genital infantil (adición a la teoria sexual)"; "El final del

Textura



complejo de Edipo"; "La sexualidad femenina"; "La novela familiar del neurótico"; "Sobre la transmutación de las pulsiones y especialmente el erotismo anal"; "La dinámica de la transferencia"; "Recuerdo, repetición y elaboración"; "Observaciones sobre el amor de transferencia" in Obras Completas, Biblioteca Nueva, 1968.

LACAN, J. "La dirección de la cura y los principios de su poder"; "La significación del falo"; "La subversión del sujeto y dialéctica del deseo en el inconsciente freudiano" in Escritos I, Siglo XXI, 1978.

LACAN, J. "Las formaciones del inconsciente", Nueva Visión, 1976.

LACAN, J. "Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis", Six Barral Editores, 1977.

LACAN, J. A ética da psicanálise, Zahar, 1988.

POMMIER, G. Cuestiones (sobre el fin del análisis), Catálogos, 1986.